

O PRIMEIRO SÉCULO

«As mulheres são feitas duma só matéria abrasiva, a de corromperem as situações estáveis.»

AGUSTINA BESSA-LUÍS, *As Terras do Risco*, Guimarães, 1994, p. 137.

Se exceptuarmos algumas raras soberanas carismáticas (Catarina da Rússia, Maria Teresa de Áustria, Cristina da Suécia, Isabel I ou Vitória de Inglaterra, entre outras), o século XX marcou a entrada das mulheres na História. Ou, como escreve Julia Kristeva na introdução à sua trilogia sobre *O Génio Feminino*: «O século XX pôs fim à crença segundo a qual as mulheres eram aquela metade duma espécie de mamíferos que se destina aos nascimentos». Ainda estamos a sentir o impacto desta mudança profunda, que abriu às mulheres o mundo do trabalho e do poder, aos homens o mundo dos afectos, e a ambos a nova aventura da intimidade. Em *Mulheres, Direito, Crime ou a Perplexidade de Cassandra*, (Faculdade de Direito de Lisboa, 1990) Teresa Beleza pergunta: «Será verdade que as mulheres são mulheres, os homens são homens, e, depois, todas elas e todos eles são pessoas? Ou a nossa humanidade é una na sua multiplicidade contínua de traços ditos femininos e masculinos?». A esta hora da História é já visível que as categorias femininas e masculinas se manifestam indiscriminadamente nos homens e nas mulheres que se dão ao luxo de aprofundar o seu ser, apesar de todos os condicionamentos culturais

que nos turvam de separatismos. Teresa Beleza aponta *Orlando* de Virginia Woolf como «exemplo simbólico ou metafórico desta realidade».

Aliás, é curioso observar como muitas das mulheres que, por tristes razões de conveniência social, preferem não se declarar feministas, comungam com as feministas radicais de uma mística do feminino que arreda os homens de tudo quanto é simpático nos sentimentos e actos, definindo de forma estanque uma série de «valores» femininos: afecto, lealdade, transparência, generosidade, intuição, pragmatismo, sentido de humor, desembaraço. Pretender definir um dos sexos através desta curta súpula de maravilhas é, parece-me a mim, sexismo. Como afirma Ana Vicente (em *Os Poderes das Mulheres, Os Poderes dos Homens*, Círculo de Leitores, 1998): «Tal como o racismo, o sexismo foi e é um tremendo erro, pois torna a procura da felicidade muito mais nebulosa e tacteante». Por isso, a páginas tantas, quando Orlando passa do sexo masculino ao feminino, Virginia Woolf escreve: «A mudança de sexo, muito embora alterando-lhe o futuro, não lhe alterava a identidade». Por isso também o assunto da «escrita feminina» me cheira ao esturro da discriminação: a única distinção que faz sentido é a que engloba as/os escritoras/es capazes de escavar o fundo secreto dos tempos e das almas.

Entretanto, verificam-se ainda múltiplas e persistentes formas de discriminação das mulheres, em Portugal e no mundo. A maioria dos pobres do mundo é composta por mulheres e o número de mulheres que vivem em pobreza rural cresceu cinquenta por cento desde 1975. Dois terços das horas de trabalho do mundo são cumpridas por mulheres e são elas quem produz metade da alimentação global, e no entanto ganham apenas dez por cento do rendimento mundial e não chegam a possuir um por cento da propriedade do planeta. Milhões de meninas ficam para sempre amputadas pela mutilação genital — prática tenebrosa e muito mais expandida do que se possa pensar, frequentemente

desculpabilizada pelo relativismo cultural politicamente correcto. As mulheres representam, ainda hoje, menos de um terço dos eleitos nos parlamentos nacionais da União Europeia. E só um quarto dos lugares de liderança das empresas ocidentais (porque das outras nem vale a pena falar) são ocupados por mulheres — em Portugal, nem isso: são dezasseis por cento. Que em geral ganham muito menos, em iguais funções, do que os seus congéneres masculinos. Ora a menorização das mulheres menoriza também os homens, empobrecendo não só as relações entre os sexos mas também o desenvolvimento do mundo humano.

Foram felizmente muito mais de vinte as mulheres que marcaram o mundo neste primeiro século de emancipação. Esta é, por conseguinte, uma escolha — necessariamente parcial, assumidamente subjectiva. Hannah Arendt escrevia, numa carta (de 24 de Março de 1930) a Karl Jaspers: «Parece que certas pessoas estão na sua própria vida (e unicamente aí, não, por exemplo, enquanto pessoas) de tal forma expostas que se tornam, por assim dizer, encruzilhadas e objectivações concretas da vida». É exactamente este tipo de pessoas que me interessa — concordando ou discordando dos seus pontos de vista, pouco importa — porque arrastam consigo, mais do que o sentido do seu tempo, um universo de sentido particular que ilumina a existência para lá das coordenadas espaço-temporais.

Trata-se de dar a conhecer a vida e a obra de vinte mulheres que, como escreveu Agustina, corromperam «situações estáveis» — no pensamento, no romance, na poesia, na dança, na política, na ciência, na pintura, na música, na religião, no cinema, enfim, na própria imagem do feminino. Muitas outras podiam ter cabido neste número redondo, que serve apenas como marco dos dezanove anteriores séculos de silêncio (entrecortado por algumas obras imediatamente abafadas). Procurei reunir alguns símbolos populares do século (como Marilyn Monroe, Evita, Agatha Christie, Golda Meir ou Madre Teresa) com mulheres menos conhecidas,

mas cuja acção ou pensamento marcaram rupturas decisivas na nossa percepção do mundo (como Lou Salomé, Hannah Arendt ou Frida Kahlo). Verifiquei *a posteriori* que, das cinco portuguesas seleccionadas, quatro eram pessoas cuja obra ainda estava em curso quando escrevi este livro, no ano 2000 (embora já fosse possível destacar a singularidade totalizadora dos seus universos particulares). Creio que esta opção inconsciente se prendeu tanto com o claustrofóbico passado recente português quanto com um intransponível factor subjectivo: cresci com as obras de Agustina, Sophia, Amália, Paula Rego e Maria João Pires e os seus trajectos — que têm em comum um princípio (est)ético de contágio entre arte e realidade — influenciaram-me decisivamente. Infelizmente, nesta nova edição, naturalmente revista, só duas dessas cinco grandes artistas portuguesas estão vivas.

Iniciei este projecto no semanário *Expresso*, onde algumas destas biografias foram publicadas. Agradeço ao então seu director, José António Saraiva, o acolhimento que deu a esses trabalhos, estimulando-me assim a prosseguir nesta espécie de balanço do século xx no feminino, que não pretende ser mais do que um pequeno contributo para a análise do papel das mulheres na História contemporânea. E agradeço a Maria Ana Barba, que me apoiou na investigação de cinco destas biografias: Marie Curie, Simone de Beauvoir, Bette Davis, Marilyn Monroe e Paula Rego. Sem a qualidade e a rapidez desse seu trabalho, a edição inicial deste livro — publicada em 2000 pelas Publicações Dom Quixote com o título *Vinte Mulheres para o Século XX* — só teria vindo à luz já em pleno século XXI. Esta reedição, como já referi, revista e actualizada, inclui, como prefácio, e com autorização do autor, que infelizmente já não poderá ver esta edição, a generosa crónica que o meu muito querido amigo Eduardo Lourenço escreveu sobre este livro para a revista *Visão*, a 28 de Dezembro de 2000.

Não procurei atingir nenhuma conclusão redentora, e muito menos fazer psicanálise, mas fui anotando algumas

curiosas coincidências. A mais interessante é a que se refere à infância destas mulheres: quase todas perderam um dos pais, ou ambos, numa idade muito precoce. A esmagadora maioria delas não teve nenhuma das condições que hoje julgamos indispensáveis ao adequado florescimento de uma criança; pelo contrário, vicissitudes de toda a espécie (económicas, afectivas, políticas) — acrescidas, em alguns casos, de graves problemas de saúde — marcaram os seus primeiros anos de vida. O que nos dá ocasião para reflectir sobre algumas ideias instaladas acerca de um suposto «equilíbrio infantil» estreitamente ligado à presença contínua da mãe junto das crianças — ideias que circulam com maior intensidade sempre que o desemprego aumenta, com o objectivo concreto de afastar as mulheres da grande arena do Mundo.

Cada uma destas vinte mulheres foi tocada por um qualquer dom, mas o que as tornou diferentes de todas as outras foi a história única que cada uma delas elaborou contra o medo e o seu grande guardião — a tradição. Acompanhou-as sempre essa filha da imaginação chamada coragem. Por isso, não se limitaram a mudar o mundo — mudaram, além do seu tempo, a imaginação do Mundo.

INÊS PEDROSA

Setembro de 2000 — Novembro de 2020.

